

SEMANA

40

1

Dia

Lucas 18.9-14

A Parábola do Fariseu e do Publicano

Esta parábola está intimamente relacionada à anterior. A parábola da viúva perseverante nos ensina o valor da importunidade na oração. A parábola do publicano e do fariseu nos ensina a atitude que deve permear nossas orações. A primeira nos encoraja a orar e não desfalecer; a segunda nos recorda como e em que disposição devemos orar. Ambas merecem nossa atenção, devem ser meditadas por todo verdadeiro crente.

Observemos nestes versículos o pecado contra o qual nosso Senhor nos adverte. Não é difícil encontrá-lo. Lucas nos diz claramente que Jesus *“propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros”*. O pecado que nosso Senhor denunciou foi a justiça própria.

Por natureza, todos somos cheios de justiça pessoal, uma doença hereditária de todos os filhos de Adão. Desde o maior ao menor, pensamos mais elevadamente do que deveríamos pensar a respeito de nós mesmos. Em nosso íntimo, bajulamos a nós mesmos, afirmando que não somos tão maus como algumas pessoas e que temos algo para nos recomendar ao favor de Deus. *“Muitos proclamam a sua própria benignidade”* (Provérbios 20.6). Esquecemos o testemunho das Escrituras: *“Tropeçamos em muitas coisas”* (Tiago 3.2); *“Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque”* (Eclesiastes 7.20). *“Que é o homem, para que seja puro? E o que nasce de mulher, para ser justo?”* (Jó 15.14).

A verdadeira cura para a justiça própria é o conhecimento de si mesmo. Uma vez que os olhos de nosso entendimento sejam abertos pelo Espírito Santo, nunca mais falaremos sobre nossa própria bondade. Se virmos as realidades de nosso coração e o que a santa lei de Deus exige, nossa vaidade pessoal morrerá. Colocaremos nossas mãos à boca e diremos, assim como o leproso: *“Imundo! Imundo!”* (Levítico 13.45).

Observemos nestes versículos a oração do fariseu condenada por nosso Senhor. O fariseu disse: *“Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho”*.

A oração do fariseu destaca um grande defeito, tão notável que mesmo uma criança poderia identificá-lo. Sua oração não demonstrava qualquer senso de pecado ou de necessidade. Não continha nenhuma confissão, súplica, reconhecimento de culpa e insignificância, nenhum pedido de misericórdia e graça. Foi apenas uma recitação orgulhosa de supostos méritos, acompanhada por uma perversa reflexão sobre um irmão pecador. Foi uma afirmação soberba e presunçosa, destituída de arrependimento, humildade e amor. Em resumo, dificilmente poderia ser chamada de oração.

Não podemos imaginar um estado de alma mais perigoso do que o daquele fariseu. Nunca os homens se encontram em uma situação mais desesperadora do que quando a

insensibilidade e a indiferença invadem-lhes o coração. Nunca os corações dos homens se encontram em uma condição mais desesperadora do que quando não sentem seus próprios pecados. Aquele que não deseja soçobrar nessa rocha tem de se acautelar contra o julgar a si mesmo com base em seus companheiros. O que significa dizer que possuímos mais moralidade do que outros homens? Somos todos vis e imperfeitos aos olhos de Deus. *“Se quiser contender com ele, nem a uma de mil coisas lhe poderá responder”* (Jó 9.3). Lembremos: sempre que examinarmos a nós mesmos, não procuremos nos avaliar por meio de comparação com o padrão dos homens. Olhemos tão somente para as exigências de Deus, pois aquele que age de acordo com esse princípio nunca será um fariseu.

A oração do publicano é a recomendada por nosso Senhor. A oração dele foi em todos os aspectos o oposto da oração do fariseu. Lemos que o *“publicano, estando em pé, longe (...) batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!”*. Nosso Senhor selou a curta oração com seu carimbo de aprovação. Ele afirmou: *“Este desceu justificado para sua casa, e não aquele”*.

A excelência da oração do publicano consiste em cinco aspectos, que merecem nossa atenção. Primeiro, foi uma petição genuína. Uma oração que só contém ações de graça e afirmações, sem qualquer súplica, é uma oração deficiente. Pode ser conveniente para um anjo, mas não para um pecador. Segundo, foi uma oração pessoal. O publicano não falou a respeito de seu próximo e sim a respeito de si mesmo. Incerteza e generalidade são os grandes defeitos do cristianismo de muitas pessoas. Abandonar o *“nós”*, o *“nosso”* e o *“nos”*, passando para o *“eu”*, o *“meu”* e o *“me”* é um grande passo em direção ao céu. Terceiro, foi uma oração humilde, que colocou o *“eu”* no seu devido lugar. O publicano confessou claramente que era um pecador. Este é o próprio *“abc”* do cristianismo que salva. Não começamos a nos tornar bons, enquanto não podemos sentir e confessar que somos maus. Quarto, foi uma oração em que a misericórdia foi a principal coisa desejada e em que foi demonstrada, embora com fragilidade, a fé na aliança da misericórdia divina. A misericórdia é a primeira coisa que temos de pedir quando começamos a orar. A misericórdia e a graça divina têm de ser o assunto de nossas súplicas diárias junto ao trono da graça, enquanto vivermos. Quinto, a oração do publicano foi proveniente de seu coração. Ele se sentiu profundamente comovido ao pronunciá-la. Batia no peito como alguém que tinha mais sentimentos do que podia expressar. São orações que causam deleite em Deus. Um coração compungido e contrito, Ele não o desprezará (Salmo 51.17).

Guardemos essas verdades no profundo de nosso coração. Aquele que aprende a reconhecer seus pecados tem muitos motivos para ser grato a Deus. Não estamos no caminho da salvação enquanto não reconhecemos que somos perdidos e culpados; estamos arruinados e desamparados. Feliz certamente é aquela pessoa que não se envergonha de identificar-se com o publicano. Quando nossa experiência se harmonizar com a dele, podemos ter esperança de que já entramos na escola de Deus.

Observemos nestes versículos o sublime elogio que nosso Senhor outorgou à humildade. Ele disse: *“Todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado”*. O princípio aqui apresentado se encontra com tanta frequência nas Escrituras que deveríamos gravá-lo firmemente em nossa memória. Em três ocasiões distintas nos

evangelhos encontramos nosso Senhor proferindo as mesmas palavras. Ele desejava nos ensinar com insistência que a humildade é uma das mais importantes e nobres virtudes do caráter cristão. Foi uma virtude preeminente de Abraão, Jacó, Moisés, Davi, Jó, Isaías e Daniel. Deveria ser uma virtude proeminente em todos os que confessam servir a Cristo. Nem todos os que pertencem ao povo de Deus possuem dons e riquezas. Apenas alguns são chamados a pregar, escrever ou ocupar um lugar importante na igreja. Mas todos são chamados para serem humildes. Pelo menos uma virtude deve adornar a vida do crente mais pobre e menos instruído. Essa virtude é a humildade.

Terminemos nossas considerações sobre esta passagem com um profundo senso do grande estímulo que ela oferece a todos os que reconhecem seus pecados e clamam por misericórdia em nome de Jesus. Seus pecados talvez sejam muitos e graves. Suas orações podem ser fracas, incorretas e sem coerência, mas eles devem recordar o publicano e sentirem-se encorajados. O mesmo Jesus que recomendou a oração do publicano está assentado à direita de Deus para receber os pecadores. Estes devem, portanto, ter esperança e orar com fé.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

2

Dia

Cristo e as Crianças

Lucas 18.15-17

Percebemos nesta passagem como as pessoas são propensas a tratar com muita ignorância as crianças nas coisas referentes à alma. Somos informados que alguns traziam a Jesus *“as crianças, para que as tocasse; e os discípulos, vendo, os repreendiam”*. Os discípulos talvez imaginaram que seria desperdício do tempo de nosso Senhor e que as crianças não receberiam qualquer benefício por virem a Cristo. Mas ouviram de nosso Senhor a solene repreensão: *“Jesus, porém, chamando-as para junto de si, ordenou: Deixai vir a mim os pequeninos e não os embaraceis”*.

A ignorância dos discípulos é muito comum entre os homens. Talvez em poucos assuntos encontraremos ideias tão divergentes nas igrejas quanto ao assunto da alma de uma criança. Alguns pensam que as crianças devem ser batizadas e que, se morrerem antes de serem batizadas, elas não serão salvas. Outros pensam que as crianças não devem ser batizadas, mas não oferecem uma explicação satisfatória para tal ponto de vista. Alguns pensam que todas as crianças são regeneradas por meio de seu batismo. Outros pensam que as crianças são incapazes de receber a graça divina e, portanto, não devem ser arroladas como membros da igreja até que cresçam. Alguns pensam que as crianças naturalmente são inocentes e não praticarão qualquer impiedade, a menos que a tenham aprendido de outros. Alguns imaginam que não há proveito em esperar que as crianças se convertam quando muito novas, portanto, devem ser tratadas como incrédulas até que alcancem a idade do discernimento. Todas as opiniões acima parecem estar erradas, ou num sentido, ou noutro. Todas precisam ser rejeitadas, por levarem a muitos enganos dolorosos.

Observemos alguns firmes princípios das Escrituras sobre a condição espiritual da criança. Fazer isso nos poupará de muita perplexidade e nos preservará de graves erros doutrinários. As almas das crianças são preciosas aos olhos de Deus. Tanto nesta passagem quanto em outras das Escrituras, existem provas claras de que Cristo se interessa por elas, na mesma intensidade com que se interessa pelos adultos. A alma de uma criança é capaz de receber a graça divina. As crianças são nascidas em pecado e sem a graça de Deus não podem ser salvas. Não existe nada, em toda a Bíblia ou na experiência humana, que nos faça pensar que as crianças não podem receber o Espírito Santo e serem justificadas, mesmo na infância. A mente da criança é igual à do adulto para receber ensinamentos espirituais. A prontidão com que suas mentes recebem as doutrinas do evangelho e suas consciências respondem a essas doutrinas é bem reconhecida por todos os que ensinam as coisas espirituais. Ainda, a alma da criança é capaz de receber a salvação. Supor que Cristo receberá crianças em sua igreja glorificada e, ao mesmo tempo, sustentar a ideia de que Ele não deseja tê-las em sua igreja visível é uma incoerência que nunca podemos explicar.

Temos aqui um assunto que merece consideração especial. É um assunto inquestionavelmente difícil, com o qual muitos não concordam. Mas, diante de toda perplexidade em referência a este assunto, faremos bem se retomarmos a esta passagem. Ela

esclarece a posição das crianças diante de Deus e explica, em termos gerais, o pensamento de Cristo.

Também vemos nesta passagem a declaração forte que nosso Senhor fez a respeito das crianças. Ele disse: *“Dos tais é o reino de Deus”*. Sem dúvida, o significado dessas palavras é um assunto de debates. Outras passagens bíblicas deixam bastante evidente que essas palavras não significam que as crianças nascem inocentes e sem pecado. *“O que é nascido da carne é carne”* (João 3.6). Uma lição em três aspectos provavelmente está contida nas palavras de nosso Senhor e devemos atentar à lição ensinada por Ele.

Todos os santos de Deus devem se esforçar para viver *“como uma criança”*. A sua fé simples, sua dependência dos outros, sua indiferença às riquezas do mundo, sua despreocupação para com as coisas do mundo, sua comparativa humildade, seu caráter inofensivo e sua falta de malícia são aspectos que fornecem aos crentes excelentes exemplos. Feliz é aquela pessoa que pode se aproximar de Cristo e das Escrituras com o mesmo espírito de uma criancinha.

Dentre os *“pequeninos”*, a igreja de Deus na terra precisa ser constantemente recrutada. Não devemos ter receio de dedicá-las a Cristo, desde a sua mais tenra infância. Embora as formalidades do culto não lhes pareçam proveitosas, é um dos meios da graça estabelecido pelo próprio Senhor Jesus. Devemos utilizá-lo com fé, em benefício das crianças, na confiança de que Ele pode abençoá-las.

Ao terminar nossa consideração sobre esta passagem, tenhamos um profundo senso do valor das almas das crianças e uma firme resolução de nos revestirmos da maneira de pensar que *“houve também em Cristo Jesus”* em todo o nosso lidar com elas. Devemos considerá-las importantes na igreja visível e como um grupo que o grande Cabeça da igreja não deseja ver negligenciado. Treinemos as crianças no caminho da verdade, desde a sua infância, plantemos em seus corações a semente da verdade das Escrituras, fazendo-o com a firme confiança de que um dia ela frutificará. Creiamos que elas são capazes de pensar, sentir e refletir nas coisas espirituais, mais do que parece à primeira vista, e que o Espírito Santo frequentemente está agindo no íntimo delas, de uma maneira tão autêntica e verdadeira quanto o faz nos adultos. Acima de tudo, constantemente devemos mencioná-las diante de Cristo, em oração, e suplicar- lhe que as tome sob seu cuidado especial. Ele nunca muda; é sempre o mesmo. Ele se interessou por meninos e meninas quando esteve na terra, por isso não duvidemos que se interessa pelas crianças, mesmo estando à direita de Deus no céu.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

3

Dia

O Jovem Rico

Lucas 18.18-27

A história que acabamos de ler está mencionada três vezes nos evangelhos. Mateus, Marcos e Lucas foram movidos pelo Espírito Santo a narrarem a história de um homem rico que veio a Jesus. Devemos observá-la como lições que demandam nossa melhor atenção. Quando Deus quis incutir em Pedro seu dever para com os gentios, enviou-lhe uma visão que se repetiu “três vezes” (Atos 10.16).

Primeiramente, estes versículos nos ensinam quão profundamente uma pessoa pode avançar em sua ignorância. Somos informados que “*certo homem de posição*” perguntou a Jesus o que deveria fazer “*para herdar a vida eterna*”. Nosso Senhor conhecia o coração desse homem e deu-lhe a resposta cujo objetivo foi esclarecer o verdadeiro estado de sua alma. O Senhor Jesus recordou-lhe os Dez Mandamentos e recitou alguns dos principais mandamentos da segunda tábua da Lei. Imediatamente, a cegueira espiritual desse homem foi revelada. “*Tudo isso*”, replicou ele, “*tenho observado desde a minha juventude*”. Não podemos imaginar uma resposta mais repleta de trevas e ignorância pessoal! Aquele que deu essa resposta não sabia nada corretamente a respeito de si mesmo, de Deus e de sua Lei.

Tal ignorância é um caso isolado? Imaginamos que não existem pessoas semelhantes a ele em nossos dias? Se imaginamos, estamos grandemente enganados. Com receio, afirmamos que há milhões de pessoas em todo o cristianismo que não têm a menor ideia sobre a natureza espiritual da Lei de Deus e, por consequência, não sabem coisa alguma a respeito de sua própria pecaminosidade. Não percebem que Deus exige a “*verdade no íntimo*” e que transgredimos os seus mandamentos em nossos pensamentos e corações, mesmo quando não os transgredimos em nossos atos (Salmo 51.6; Mateus 5.21-28). A primeira coisa essencial à nossa salvação é sermos livres dessa cegueira. Os olhos de nosso entendimento precisam ser iluminados pelo Espírito Santo (Ef 1.18). Temos de aprender a conhecer a nós mesmos. Nenhum homem verdadeiramente ensinado pelo Espírito jamais falará que desde a sua juventude tem “*observado*” todos os mandamentos de Deus. Pelo contrário, ele clamará, assim como o apóstolo Paulo: “*A lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal (...) eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum*” (Romanos 7.14 e 18).

Em segundo, estes versículos nos ensinam o grande dano causado por um pecado que domina o coração. O desejo que o homem rico expressou era correto e bom. Ele queria a “*vida eterna*”. À primeira vista, não havia qualquer razão pela qual esse homem não podia ser instruído no caminho de Deus e tornar-se um discípulo de Cristo. Mas infelizmente existia uma coisa que ele amava mais do que a “*vida eterna*”. Era a sua própria riqueza. Quando convidado por Cristo a abandonar tudo que possuía na terra e ajuntar um tesouro nos céus, esse homem não teve fé para aceitar o convite. O amor ao dinheiro era o pecado que dominava seu coração.

É um tipo de atitude muito comum em nossos dias, pois poucos são os pastores que não podem citar diversos casos semelhantes ao desse homem. Muitas pessoas estão dispostas a desistir de tudo por amor a Cristo, exceto um pecado muito querido e, por amarem esse pecado, arruinam suas almas para sempre. Herodes ouvia João Batista e, *“quando o ouvia, ficava perplexo, escutando-o de boa mente”* (Mateus 6.20). Mas houve algo que Herodes não podia fazer - romper seu relacionamento com Herodias. Isto lhe custou a alma.

Não pode haver reservas em nosso coração, se desejamos receber algo de Cristo. Precisamos estar dispostos a abandonar qualquer coisa, embora nos seja muito preciosa, que se coloca entre nós e nossa salvação. Devemos estar prontos a cortar fora a mão direita e a arrancar o nosso olho direito, a fazer qualquer sacrifício e quebrar qualquer ídolo. Temos de lembrar: a vida eterna está em jogo! Uma pequena fenda não reparada é suficiente para afundar um grande navio. Um pecado costumeiro, ao qual uma pessoa se agarra com obstinação, é suficiente para fechar-lhe a entrada ao céu. O amor ao dinheiro, nutrido ocultamente no coração, é o bastante para levar um indivíduo, que em outros aspectos possui moralidade e irrepreensão, ao abismo do inferno.

Em terceiro, estes versículos nos ensinam quão grande é a dificuldade para um rico ser salvo. Nosso Senhor a identificou no comentário solene que fez a respeito da situação do homem de posição: *“Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Porque é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus”*.

A verdade que nosso Senhor apresentou é confirmada em todos os lugares. Nossos próprios olhos nos dirão que a graça divina e as riquezas raramente andaram juntas. *“Visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento”* (1 Coríntios 1.26). É uma realidade evidente que poucas pessoas ricas se encontram no caminho da vida. Por um lado, as riquezas inclinam seus possuidores ao orgulho, à obstinação, à autossatisfação e ao amor pelo mundo. E, ainda, os ricos dificilmente são abordados com fidelidade sobre os assuntos referentes às suas próprias almas. Geralmente, eles são cortejados e bajulados. *“O rico tem muitos amigos”* (Provérbios 14.20). Poucas pessoas têm coragem de lhes contar toda a verdade. Os pontos fortes dos ricos são exagerados. Seus pontos fracos são encobertos, disfarçados e desculpados. O resultado é que, enquanto seu coração está dominado pelas coisas do mundo, seus olhos estão cegos para sua verdadeira condição espiritual. Por que nos admiramos, se Jesus disse que a salvação de um rico é algo muito difícil? Não tenhamos inveja dos ricos, nem cobicemos suas possessões.

Pouco sabemos a respeito do que poderia nos acontecer se nossos desejos fossem realizados. O dinheiro, que milhões de pessoas estão constantemente desejando e anelando ter, e que muitos tornam seu deus, está mantendo miríades de almas fora do céu. *“Os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição”* (1 Timóteo 6.9). Feliz é aquele que aprendeu a orar: *“Não me dêis nem a pobreza nem a riqueza”* (Provérbios 30.8) e se contenta com as coisas que tem (Hebreus 13.5).

Por último, estes versículos nos ensinam quão imenso é o poder da graça de Deus. Nós o notamos nas palavras que nosso Senhor dirigiu aos que o ouviram falar sobre o perigo que

corria aquele homem rico. Eles haviam perguntado: *“Quem pode ser salvo?”*. A resposta de nosso Senhor foi completa e abrangente: *“Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus”*. Pela graça divina, um homem pode servir a Deus e chegar ao céu, estando em qualquer posição em sua vida.

A Palavra de Deus contém muitas ilustrações admiráveis dessa doutrina. Abraão, Davi, Ezequias, Jeosafá, Josias, Jó e Daniel foram homens ricos e ilustres. No entanto, todos foram salvos e serviram a Deus. Todos acharam graça suficiente para suas almas e venceram as tentações pelas quais estavam cercados. O Senhor deles continua vivo e aquilo que Ele fez por esses seus servos Ele pode fazer por outros. É capaz de hoje conceder poder aos crentes ricos para que, apesar de suas riquezas, sigam a Cristo, pois esse mesmo poder Ele concedeu a judeus ricos de sua época.

Tenhamos cuidado para não supor que nossa própria salvação é impossível, por causa das intensas dificuldades de nossa posição. Frequentemente, esta é uma sugestão de Satanás ou de nossos corações levianos. Não devemos permitir que tal pensamento flutue em nossas mentes. Não importa o lugar em que vivamos, desde que não estejamos seguindo uma vida caracterizada pelo pecado. Não importa a dimensão de nosso salário, bem como não importa se as riquezas nos sobrecarregam ou se a pobreza nos aflige. A graça, e não a posição, é o eixo em torno do qual gira a nossa salvação. O dinheiro não fechará a porta do céu para nós se nossos corações estiverem em retidão diante de Deus. Cristo pode nos tornar mais do que vencedores e nos capacitar a vencer em cada provação. Disse o apóstolo Paulo: *“Tudo posso naquele que me fortalece”* (Filipenses 4.13).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

4

Dia

Encorajamento Para Deixar Tudo por Amor a Cristo

Lucas 18.28-34

Estes versículos falam sobre a promessa gloriosa e satisfatória que nosso Senhor estende a todos os crentes que deixam tudo por amor a Ele. Jesus disse: *“Ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos, por causa do reino de Deus, que não receba, no presente, muitas vezes mais e, no mundo por vir, a vida eterna”*.

É uma promessa bastante peculiar, que não se refere à recompensa do crente no mundo por vir e à imarcescível coroa de glória, mas, com clareza, à vida presente. Foi proferida a respeito do tempo *“presente”*.

A expressão *“muitas vezes mais”*, evidentemente, tem de ser entendida no sentido espiritual. Significa que o verdadeiro crente encontrará em Cristo um equivalente completo para tudo que o crente está obrigado a desistir por amor a Ele. O crente achará paz, esperança, gozo, consolação e descanso na comunhão com o Pai e o Filho, em tal proporção que suas perdas serão mais do que compensadas com seus ganhos. Em resumo, o Senhor Jesus Cristo será mais valioso para esse crente do que seus bens, parentes ou amigos.

O pleno cumprimento desta promessa maravilhosa tem sido visto, com frequência, na experiência dos santos de Deus. Milhares de crentes poderiam testificar, em todas as épocas da igreja, que, quando foram obrigados a desistir de tudo por causa do reino de Deus, suas perdas foram amplamente compensadas pela graça de Cristo. Foram conservados em perfeita paz (Isaías 26.3) e confiança em Jesus. Foram capacitados a se gloriarem nas tribulações e permanecerem contentes na enfermidade, na perseguição, nas privações e aflições por amor a Cristo (Romanos 5.3; 2 Coríntios 12.10). Nas horas mais difíceis, receberam poder para se regozijarem com alegria indizível e cheia de glória, considerando uma honra o suportar vergonha por causa do nome de seu Senhor (1 Pedro 1.8; At 5.41). O último dia demonstrará que, no exílio, na pobreza, nas prisões, diante de tribunais humanos, no fogo da provação e em face da morte, as palavras de Cristo sempre foram verdadeiras e fiéis. Nossos amigos com frequência têm se mostrado infiéis e governadores frequentemente não cumprem suas promessas. As riquezas criam asas, mas as promessas de Cristo nunca falham.

É uma promessa à qual devemos nos firmar. Prossigamos no caminho da vida com uma firme convicção de que ela é propriedade de todo o povo de Deus. Não alimentemos dúvidas e temores por causa das dificuldades que surgem em nossa jornada cristã. Avancemos com a intensa persuasão de que, se perdermos qualquer coisa por amor a Cristo, Ele nos compensará mesmo no mundo presente. O que os crentes precisam é mais fé e prática diária nas palavras de Cristo. A fonte da água da vida está sempre bem perto de nós, enquanto viajamos pelo deserto deste mundo. No entanto, porque a fé nos falta, deixamos de vê-la e desfalecemos pelo caminho (Gênesis 21.19).

Em segundo, observemos nestes versículos a predição simples e clara que nosso Senhor fez a respeito de sua morte. Nós o vemos falar aos seus discípulos que seria *“entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado, cuspidos”* e morto.

A importância da morte de nosso Senhor se destaca na frequência com que Ele a anunciou antecipadamente e a ela se referiu durante sua vida. O Senhor Jesus bem sabia que sua morte era o principal objetivo pelo qual viera ao mundo. Viera para oferecer sua vida em resgate por muitos. Apresentaria sua alma como oferta pelo pecado e levaria Ele mesmo *“em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados”* (1 Pedro 2.24). Ele daria seu corpo e seu sangue em favor da vida do mundo. Procuremos ter o mesmo conceito sobre a morte de Cristo. Nossos principais pensamentos sobre Jesus devem estar inseparavelmente unidos à sua crucificação. A pedra angular de toda a verdade sobre a pessoa de Cristo é esta: Ele morreu por nós, *“sendo nós ainda pecadores”* (Romanos 5.8).

O amor de nosso Senhor Jesus para com os pecadores foi admiravelmente demonstrado em seu resolutivo propósito de morrer em favor deles. Durante toda a sua vida, Ele sabia que seria crucificado. Nada houve sobre seus sofrimentos e morte que, antecipadamente, Ele não tenha visto com nitidez, mesmo os pequenos detalhes, muito antes que se realizassem. O Senhor Jesus provou toda aquela amargura de sofrimentos vistos por antecipação, porém, nunca se afastou de seu caminho. Angustiou-se em espírito, até que sua obra estivesse terminada (Levítico 12.50). Tal amor excede todo entendimento, é insondável e indescritível. Podemos descansar nesse amor, sem receios. Se Cristo nos amou de tal maneira, antes mesmo de pensarmos nele, com certeza, jamais deixará de nos amar depois de termos crido.

A tranquilidade do Senhor Jesus diante da perspectiva de sua morte deve ser um exemplo para todo o seu povo. Assim como Ele, estejamos prontos a beber o cálice amargo que nosso Pai nos dá, sem murmuração, e digamos: *“Não se faça a minha vontade, e sim a tua”* (Lucas 22.42). Aquele que tem fé no Senhor Jesus não precisa ter medo da morte. *“O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo”* (1 Coríntios 15.56-57). O sepulcro já não é mais aquilo que costumava ser. O Senhor Jesus experimentou o sepulcro. Se o grande Cabeça do corpo antecipadamente encarou a morte com bastante tranquilidade, muito mais devem todos os membros do corpo agir de maneira semelhante. Em favor deles, o Senhor Jesus venceu a morte. O rei dos terrores é um inimigo vencido.

Por último, observemos nestes versículos a demora dos discípulos para entenderem a morte de Cristo. Vemos que, ao descrever nosso Senhor seus sofrimentos vindouros, os discípulos *“nada compreenderam acerca destas coisas; e o sentido destas palavras era-lhes encoberto, de sorte que não percebiam o que ele dizia”*.

Provavelmente lemos tais palavras com um pouco de surpresa e compaixão. Ficamos admirados diante da cegueira e ignorância desses judeus. Estranhamos o fato de que, em face dos ensinamentos claros e à luz evidente dos símbolos da lei de Moisés, os sofrimentos do Messias tivessem sido perdidos de vista, diante de sua glória, e sua cruz ocultada por trás de sua coroa.

Será que estamos esquecendo que a morte vicária de Cristo seria sempre uma pedra de tropeço e uma ofensa para a natureza humana orgulhosa? Não reconhecemos que até agora, depois que Ele ressuscitou dentre os mortos e ascendeu à glória, a doutrina da cruz ainda é tolice para muitos e que a morte de Cristo como nosso substituto, na cruz, é uma verdade frequentemente negada, rejeitada e desprezada? Antes de nos admirarmos porque esses fracos primeiros discípulos não entenderam as palavras de nosso Senhor a respeito de sua morte, deveríamos olhar ao nosso redor. Ficaremos humilhados ao recordar que milhares de supostos cristãos não entendem nem valorizam a morte de Cristo em nossos dias.

Examinemos bem nosso próprio coração. Vivemos em uma época quando as falsas doutrinas sobre a morte de Cristo proliferam por todos os lados. Verifiquemos se o Cristo crucificado é realmente o alicerce de nossa esperança e se sua morte expiatória, em favor de nossos pecados, é de fato a vida de nossa alma. Acautelemo-nos de acrescentar qualquer coisa ao sacrifício de Jesus na cruz, assim como o faz o catolicismo romano. O valor da morte de Cristo é infinito; não admite qualquer acréscimo. Assim como o apóstolo Paulo, digamos: *“Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”* (Gálatas 6.14).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

5

Dia

Lucas 18.35-43

A Cura do Cego de Jericó

O milagre descrito nesta passagem é rico em instruções. É uma das grandes obras que testifica que Cristo foi enviado pelo Pai (João 5.36). Mas isso não é tudo. Contém algumas figuras vívidas de verdades espirituais que merecem um estudo atencioso.

Primeiramente, vemos nestes versículos a importância de ser diligente em utilizar os meios da graça. Somos informados que *“estava um cego assentado à beira do caminho, pedindo esmolas”*. Ele procurou um lugar onde sua condição dolorosa seria notada facilmente. Não ficou ocioso, em casa, esperando que a cura viesse ao seu encontro. Ele se assentou à beira da estrada, a fim de que os transeuntes pudessem vê-lo e ajudá-lo. Esse fato nos mostra a sabedoria de seu comportamento. Assentado à beira do caminho, ouviu *“que passava Jesus”*. Ao ouvir sobre Jesus, o cego clamou por misericórdia e teve sua visão restaurada. Observemos com atenção. Se aquele cego não estivesse à beira do caminho naquele dia, provavelmente permaneceria cego até ao final de sua vida.

Aquele que deseja ser salvo deve recordar o exemplo desse homem cego. Precisa usar com diligência todos os meios da graça. Tem de frequentar com regularidade os lugares onde o Senhor Jesus está presente de maneira especial. Precisa assentar-se onde a Palavra é lida, o evangelho é anunciado e o povo de Deus se reúne. Esperar que a graça seja implantada em nosso coração, se permanecemos ociosamente em casa no domingo, não procurando ir a um lugar onde podemos ouvir a pregação da Palavra, é uma presunção e não a fé bíblica. É verdade que Deus tem misericórdia de quem lhe aprouver ter misericórdia (Romanos 9.15), mas também é verdade que costumeiramente Ele demonstra misericórdia para aqueles que utilizam os meios da graça. É verdade que Cristo às vezes é *“achado pelos que não o procuravam”*, porém também é verdade que Ele é sempre encontrado por aqueles que realmente o procuram. Aqueles que desprezam o domingo, menosprezam as Escrituras e não oram estão perdendo as misericórdias e cavando sepulcros para sua própria alma. Não estão se assentando *“à beira do caminho”*.

Em segundo, vemos nestes versículos um exemplo de nosso dever no assunto da oração. Somos informados que, ao ouvir que Jesus estava passando, o cego começou a clamar: *“Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!”*. Depois, a passagem nos conta que, ao ser repreendido por algumas pessoas, para que se calasse, o cego não atendeu. *“Ele, porém, cada vez gritava mais.”* Sentiu sua necessidade e achou palavras para expressá-la. Não seria impedido pela repreensão de pessoas que não sabiam nada sobre a miséria da cegueira. O seu sofrimento o fez continuar clamando. E sua importunação foi amplamente recompensada. Achou o que estava procurando e naquele mesmo dia recuperou a vista.

O que aquele cego fez em benefício da sua restauração física certamente é nosso principal dever em benefício de nossa alma. Nossa necessidade é maior do que a do cego. A enfermidade do pecado é mais crônica do que a falta de visão. Os lábios que encontraram

palavras para descrever a necessidade de seu corpo com certeza acharão palavras para expressar as necessidades de sua alma. Se nunca oramos, devemos começar a fazê-lo. Oremos com todo o nosso coração e com intenso fervor. Jesus, o Filho de Davi, ainda está passando bem perto de todos nós. Clamemos a Ele, suplicando misericórdia e não permitamos que nada cesse nosso clamor. Não desçamos a um abismo produzido pela mudez, por não clamarmos a Jesus, suplicando misericórdia. Ninguém será tão indesculpável no último dia quanto aqueles que, mesmo sendo batizados, nunca tentaram orar.

Em terceiro, vemos nestes versículos uma encorajadora manifestação da bondade e compaixão de Cristo. Quando o cego continuou a clamar por misericórdia, nosso Senhor *“parou (...) e mandou que o trouxessem”*. Ele estava se dirigindo a Jerusalém para morrer e tinha muitas coisas importantes em seus pensamentos; apesar disso, teve tempo de parar e conversar gentilmente com o infeliz sofredor. Jesus perguntou-lhe: *“Que queres que eu te faça?”*. O cego respondeu prontamente: *“Senhor, que eu torne a ver”*. Então, Jesus lhe disse: *“Recupera a tua vista; a tua fé te salvou”*. Essa fé provavelmente estava fraca e misturada com muita imperfeição. Mas fez o homem clamar a Jesus e continuar clamando, apesar das repreensões. Portanto, vindo com fé, nosso bendito Senhor não o rejeitou. O desejo de seu coração foi atendido e, imediatamente, o cego *“tornou a ver”*.

Passagens como esta foram escritas nos evangelhos para trazer conforto especial a todos os que sentem o fardo de seus pecados e vêm a Cristo, em busca de paz. Tais pessoas talvez se vejam muito sensíveis quanto à sua grande imperfeição em todas as suas tentativas para se achegarem ao Filho de Deus. Sua fé pode ser muito frágil, seus pecados são muitos e graves, suas orações podem ser pobres e trêmulas, seus motivos estão muito aquém da perfeição. Mas, afinal de contas, realmente estão vindo a Cristo com seus pecados? Estão verdadeiramente dispostas a abandonar qualquer outra confiança e entregarem sua alma aos cuidados de Cristo? Se tudo isso é verdade, elas podem ter esperança e não se sentirem temerosas. O mesmo Jesus que ouviu o clamor do cego e atendeu-lhe o pedido continua vivo. Ele jamais negará suas próprias palavras: *“Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora”* (João 6.37).

Por último, vemos nestes versículos um admirável exemplo da conduta que merece imitação de quem já recebeu misericórdia da parte de Cristo. Quando o cego *“tornou a ver”*, seguiu a Jesus, *“glorificando a Deus”*. Ele sentiu profunda gratidão e resolveu mostrá-la, tornando-se um dos seguidores e discípulos de nosso Senhor. Os fariseus poderiam escarnecer de nosso Senhor Jesus; os saduceus, zombar de seus ensinamentos. Isto nada significava para esse novo discípulo. Em si mesmo, ele possuía o testemunho de que Jesus era um Senhor digno de ser seguido. Ele podia dizer: *“Eu era cego e agora vejo”* (João 9.25).

Um amor que se expressa em gratidão é a verdadeira fonte de obediência autêntica à pessoa de Cristo. A menos que sintam que são devedores a Cristo, por causa do perdão, da paz e da esperança que receberam, os homens jamais tomarão a sua cruz, confessarão a Jesus diante do mundo e viverão para Ele. Os ímpios vivem na impiedade porque não têm qualquer senso de pecado e nenhuma consciência de obrigação para com Cristo. Os crentes vivem em santidade porque amam Aquele que os amou primeiro e, em seu sangue, os lavou dos pecados deles. Cristo os curou; portanto, eles o seguem.

Examinemos solenemente nosso próprio coração, ao concluir nossas considerações sobre esta passagem. Se desejamos saber se temos qualquer parte ou herança em Cristo, averiguemos nossas próprias vidas. A quem nós seguimos? Para quais objetivos e propósitos primordiais estamos vivendo? A pessoa que tem uma verdadeira esperança em Jesus sempre será identificada pelas preferências gerais de sua vida.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

6

Dia

Lucas 19.1-10

A Chamada de Zaqueu

Estes versículos descrevem a conversão de uma alma. Assim como a história de Nicodemos e da mulher samaritana, a de Zaqueu deve ser frequentemente estudada pelos crentes. O Senhor Jesus nunca muda. O que fez por esse homem Ele é capaz e está disposto a fazer por qualquer outra pessoa.

Primeiramente, estes versículos nos ensinam que ninguém é tão ímpio que Cristo não possa salvar ou que fique longe do alcance do poder de sua graça. Esta passagem nos fala sobre um publicano rico que se tornou discípulo de Cristo. Não podemos imaginar outro caso que oferecia menos probabilidade de conversão. Vemos um camelo passando pelo fundo de uma agulha e um rico entrando no reino dos céus. Contemplamos uma prova concreta de que para Deus todas as coisas são possíveis. Neste relato, vemos um avarento coletor de impostos sendo transformado em um cristão generoso.

A porta da esperança, que o evangelho revela aos pecadores, está amplamente aberta. Permitamos que ela permaneça aberta como a encontramos. Não procuremos fechá-la com nossa intolerante ignorância. Nunca tenhamos receio de afirmar que Cristo *“pode salvar totalmente”* (Hebreus 7.25) e que o pior dos pecadores pode ser completamente perdoado, se vier a Ele. Devemos oferecer o evangelho com ousadia ao pior e mais ímpio dos pecadores, dizendo-lhe: *“Há esperança. Arrependa-se e creia. Ainda que seus pecados sejam como a escarlata, se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã”* (Isaías 1.18). Talvez seja uma doutrina com aparência de tolice e licenciosidade para as pessoas mundanas. Mas constitui o evangelho daquele que salvou Zaqueu, em Jericó. Os médicos, às vezes, consideram alguns casos de pessoas como incuráveis, no entanto, não existem casos incuráveis para o evangelho, pois qualquer pecador poderá ser curado, se tão somente vier a Cristo.

Em segundo, estes versículos nos ensinam quão poucas e simples são as coisas que frequentemente cooperam para a salvação de uma alma. Zaqueu *“procurava ver quem era Jesus, mas não podia (...) por ser ele de pequena estatura”*. Curiosidade, e nada mais, parece ter sido o motivo de seu coração. Uma vez que a curiosidade brotou em seu íntimo, Zaqueu estava decidido a satisfazê-la. Para ter certeza de que veria Jesus, correu e *“adiante, subiu a um sicômoro”*. Dessa atitude insignificante, aos olhos dos homens, dependeu a salvação de Zaqueu. Nosso Senhor parou sob aquela árvore e disse: *“Desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa”*. A partir daquele momento, Zaqueu tornou-se um homem diferente. Naquela noite ele dormiu sendo um verdadeiro cristão.

Nunca podemos desprezar o *“dia dos humildes começos”* (Zacarias 4.10). Não devemos reputar insignificante qualquer coisa que se refere à alma. Os caminhos pelos quais o Espírito Santo leva homens e mulheres a Cristo são maravilhosos e misteriosos. Com frequência, Ele inicia em determinado coração uma obra que permanecerá por toda a eternidade, quando

aqueles que a observam não percebem nada admirável. Em cada obra, precisa haver um começo, e na obra espiritual, o começo em geral é muito insignificante. Vemos uma pessoa negligente começando a se utilizar dos meios da graça, que em tempos passados eram por ela negligenciados? Nós a vemos ir à igreja e ouvir a pregação do evangelho, depois de ter passado muito tempo desprezando o domingo? Quando contemplarmos tais coisas, lembremo-nos de Zaqueu e tenhamos esperança. Não olhemos para tal pessoa com indiferença, porque seus motivos no momento são pobres e questionáveis. Creiamos que é melhor ouvir o evangelho motivado por curiosidade do que não ouvi-lo de maneira alguma. Essa pessoa está agindo à semelhança de Zaqueu. Pelo que sabemos, ela pode tomar outros passos adiante. Quem não pode dizer que um dia ela receberá a Cristo com alegria?

Em terceiro, estes versículos nos ensinam a compaixão gratuita de Cristo para com os pecadores e seu poder de mudar os corações. Um exemplo mais admirável é impossível imaginarmos. Sem qualquer convite, nosso Senhor parou e conversou com Zaqueu. Espontaneamente Ele se ofereceu como hóspede para a casa de um pecador. Sem ser solicitado, o Senhor Jesus enviou a graça renovadora do Espírito Santo ao coração de um publicano, transformando-o naquele momento em um filho de Deus (Jeremias 3.19).

Levando em conta o relato desta passagem, podemos dizer que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo jamais será exaltada em excesso. Não existem palavras para expressarmos com intensa firmeza a infinita prontidão de nosso Senhor para receber e sua infinita capacidade para salvar pecadores. Acima de tudo, esta passagem nos habilita a afirmar com segurança que a salvação não vem das obras, mas da graça. Se houve alguém que foi buscado e salvo sem ter feito qualquer coisa para merecê-lo, essa pessoa foi Zaqueu. Apeguemo-nos com vigor a essas doutrinas e nunca as abandonemos. Elas valem muito mais do que rubis. A graça, a graça gratuita, é o único pensamento que concede aos homens descanso na hora da morte. Confiantemente proclamemos essas doutrinas a todos com quem falarmos sobre as coisas espirituais. Exortemo-los a virem a Cristo, assim como estão, e a não demorarem na esperança vã de que podem preparar a si mesmos e tornarem-se dignos de virem a Ele. Devemos proclamar-lhes que Jesus Cristo os espera e deseja vir e habitar em seus infelizes corações pecaminosos, se eles apenas quiserem recebê-lo. Ele declara: *“Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo”* (Apocalipse 3.20).

Por último, estes versículos nos ensinam que pecadores convertidos sempre manifestarão evidências de sua conversão. Zaqueu, em sua casa, *“se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais”*. Houve veracidade nessas palavras; esta foi uma prova inconfundível de que Zaqueu era uma nova criatura. Quando um crente rico começa a distribuir sua riqueza e um extorquidor começa a fazer restituições, certamente podemos crer que as coisas velhas já passaram e tudo se fez novo (2 Coríntios 5.17). Houve determinação nessas palavras de Zaqueu. Ele disse: *“Resolvo dar (...) restituo”*. Ele não estava falando de intenções futuras. Ele não afirmou: *“Resolverei (...) restituirei”*. Tendo sido perdoado gratuitamente e ressuscitado dos mortos à vida, Zaqueu sentiu que poderia começar a demonstrar imediatamente quem ele era e a quem estava servindo agora.

Aquele que deseja provar que é um crente deve andar nos mesmos passos de Zaqueu, ou seja, tem de renunciar completamente os pecados que antes o assediavam com facilidade; precisa seguir as virtudes cristãs que, no passado, ele habitualmente desprezava. Em todos os aspectos, um crente deve viver de tal modo que todos saibam que ele é um crente genuíno. A fé que não purifica o coração e a vida, não é a fé verdadeira. A graça que não pode ser vista, tal como a luz, e experimentada, assim como o sal, não é graça, e sim hipocrisia. O homem que professa conhecer a Cristo e crer nele, enquanto se apega ao pecado e ao mundo, está se encaminhando para o inferno, com uma mentira bem ao seu lado. O coração que realmente provou a graça de Cristo odiará instintivamente o pecado.

Ao terminar nossa meditação sobre esta passagem, permitamos que o último versículo esteja sempre ecoando em nossos ouvidos: *“O Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”*. É como Salvador, mais do que como Juiz, que Cristo deseja ser conhecido. Certifiquemo-nos de que o conhecemos dessa maneira. Cuidemos em verificar se nossa alma está salva. Se estivermos convertidos, nós diremos: *“Que darei ao SENHOR por todos os seus benefícios para comigo?”* (Salmo 116.12); e não reclamaremos que a autorrenúncia de Zaqueu foi uma exigência severa.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

7

Dia

Lucas 19.11-27

A Parábola das Minas

O motivo de nosso Senhor proferir esta parábola foi corrigir as falsas expectativas dos discípulos em referência ao reino de Cristo. Foi um anúncio profético de coisas presentes e futuras que deveriam suscitar pensamentos solenes na mente de todos os que professam ser crentes.

Algo revelado nesta parábola é a posição presente de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é comparado a *“certo homem nobre”* que *“partiu para uma terra distante, com o fim de tomar posse de um reino e voltar”*.

Quando nosso Senhor deixou o mundo, ascendeu ao céu como um vencedor, levando *“cativo o cativo”* (Efésios 4.8). Agora Ele se encontra no céu, assentado à direita de Deus, realizando a obra de um Sumo Sacerdote em favor de todos os crentes e sempre intercedendo por eles. Mas não ficará ali para sempre; o Senhor Jesus deixará o Santo dos Santos para abençoar seu povo. Virá novamente com poder e glória para sujeitar todos os inimigos debaixo de seus pés e estabelecer seu reino. No presente, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas (Hebreus 2.8). O diabo é *“o príncipe do mundo”* (João 14.30). Um dia o presente estado de coisas será transformado. Quando Cristo voltar, os reinos do mundo se tornarão dele.

São verdades que devem gravar-se em nossa mente. Em tudo que pensamos sobre a pessoa de Cristo, jamais nos esqueçamos de seu segundo advento. É ótimo saber que Ele viveu, morreu, ressuscitou e intercede por nós. Mas também é ótimo saber que em breve o Senhor Jesus retornará.

Em segundo, vemos nesta parábola a posição atual de todos os que professam ser crentes. Nosso Senhor os comparou a servos que receberam o encargo de cuidar do dinheiro de seu senhor ausente, que lhes deu instruções específicas sobre como utilizar bem o seu dinheiro. *“Disse-lhes: Negociai até que eu volte.”*

Os incontáveis privilégios que o crente desfruta, comparados aos dos incrédulos, são *“minas”* que lhe foram dadas por Cristo; e dessas um dia ele prestará contas. No Dia do Juízo não ficaremos lado a lado com aqueles que nunca ouviram falar sobre as Escrituras, a Trindade e a crucificação. Devemos reexaminar que a maioria dos crentes não tem a menor ideia de sua responsabilidade. Aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido.

Estamos *“negociando”*? Estamos vivendo como homens que sabem com quem estão endividados e a quem um dia terão de prestar contas? Esta é a única maneira de viver que é digna de um ser racional. A ordem de nosso Senhor na parábola é a melhor resposta que podemos dar àqueles que nos convidam para nos arrastarem às coisas mundanas e frivolidades. Digamo-lhes que não podemos aceitar tal convite, porque aguardamos a vinda de nosso Senhor. E queremos estar *“negociando”*, quando Ele vier.

Em terceiro, vemos nesta parábola o correto ajuste de contas que aguarda todos os crentes. Quando o Senhor retornou, Ele *“mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro, a fim de saber que negócio cada um teria conseguido”*.

Virá o dia em que o Senhor Jesus julgará todo o seu povo e recompensará a cada um de acordo com suas obras. O curso deste mundo não permanecerá para sempre no estado em que se encontra agora. Desordem, confusão, falsa confissão de fé e pecados impunes não permearão sempre a face da terra. O grande trono branco será estabelecido e sobre ele se assentará o Juiz de todos. Os mortos ressurgirão de seus sepulcros. Os vivos serão todos convocados ao tribunal. Os livros serão abertos. Grandes e pequenos, ricos e pobres, nobres e simples - todos finalmente prestarão contas a Deus e receberão a sentença eterna.

Permitamos que o pensamento sobre esse julgamento exerça influência em nossas vidas e corações. Esperemos com paciência, quando vemos a impiedade triunfar na terra. O tempo é curto. Existe Alguém que está vendo e registrando tudo que os ímpios estão fazendo, Alguém que está acima de todos eles. Antes de tudo, vivamos sob o sentimento permanente de que um dia compareceremos diante do tribunal de Cristo. Julguemos a nós mesmos, para que não sejamos condenados pelo Senhor Jesus Cristo (1 Coríntios 11.31). Vejamos uma significativa afirmação de Tiago: *“Falai de tal maneira e de tal maneira procedei como aqueles que hão de ser julgados pela lei da liberdade”* (Tiago 2.12).

Em quarto, vemos nesta parábola a recompensa justa de todos os verdadeiros crentes. Nosso Senhor nos falou que serão recompensados com honra e dignidade todos os que forem achados fiéis. Cada um receberá uma recompensa proporcional à sua diligência. Um será colocado sobre *“dez cidades”*; outro, sobre *“cinco cidades”*.

O povo de Deus aparentemente recebe pouca recompensa na época presente. Seus nomes com frequência são desprezados como vis. Eles entram no reino de Deus sofrendo muitas tribulações. As suas coisas boas não se encontram neste mundo. O lucro de sua piedade não consiste em recompensas terrenas, e sim na paz, esperança e alegria interior, resultantes de seu crer. Mas um dia terão uma recompensa abundante. Receberão galardões muitíssimo excedentes a qualquer coisa que fizeram por Cristo. Descobrirão, para sua surpresa, que por todas as coisas que fizeram e suportaram por seu Senhor, Ele os compensará cem vezes mais.

Estejamos sempre aguardando as coisas boas que ainda estão por vir. *“Os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós”* (Romanos 8.18). Pensar sobre aquela glória deve nos animar em todas as horas de necessidade e nos sustentar em todos os momentos de aflição. Sem dúvida, *“muitas são as aflições do justo”* (Salmo 34.19). Um grande remédio para as suportarmos com paciência é contemplar *“o galardão”* (Hebreus 11.26).

Por último, vemos nesta parábola a revelação justa de todos os falsos cristãos, no último dia. O Senhor Jesus falou sobre um servo que não fizera nada com o dinheiro de seu senhor, mas o enterrou envolvido em um lenço. O Senhor também contou os argumentos inúteis que ele utilizou em sua defesa e sua ruína final, por não usar o conhecimento que confessou possuir. Não pode haver erros quanto ao tipo de pessoa que esse servo representa.

Ele é uma figura de todos os ímpios e sua condenação representa o seu terrível destino no Dia do Juízo.

Nunca esqueçamos o destino para o qual todos os ímpios estão caminhando. Mais cedo ou mais tarde o incrédulo e impenitente ficará envergonhado diante de todo o mundo, destituído de todos os meios da graça, sem esperança de glória e será lançado no inferno. Não haverá escape no último dia. A falsa confissão de ser crente e a formalidade não resistirão ao fogo do juízo de Cristo. A graça, somente a graça, será vitoriosa. Ao final, os homens descobrirão que existe uma coisa chamada a *“ira do Cordeiro”*. As desculpas com as quais muitos agora acalentam sua consciência serão comprovadas como inúteis no tribunal de Cristo. A pessoa mais ignorante das coisas espirituais descobrirá que tinha conhecimento suficiente para a sua condenação. Aqueles que possuem *“minas”* escondidas verão, no último dia, que melhor lhes teria sido não haver nascido.

São verdades solenes e quem ficará isento de condenação naquele grande dia, quando o Senhor exigirá contas de suas *“minas”*? As palavras do apóstolo Pedro constituem uma conclusão adequada para esta parábola: *“Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis”* (2 Pedro 3.14).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?